

A educação do corpo em Vila Nova-Barbecho: o Curussé chiquitano na educação da criança

Education corps in Vila Nova-Barbecho: the Curussé chiquitano child in education

Beleni Saléte GRANDO¹
Leticia Antonia QUEIROZ²

Resumo

Pautada nos estudos de antropologia da criança, a pesquisa analisa os processos de educação do corpo da criança Chiquitano durante um ritual que identifica este povo indígena que vive na fronteira Brasil-Bolívia. Os processos educativos são compreendidos em diálogo com a história de luta e cotidiana violência simbólica vivida para garantir o direito à terra disputada por fazendeiros e políticos mato-grossenses. O Curussé, como prática social significativa neste contexto de conflitos, expressa os sentidos e significados da educação que no corpo marca a igualdade de gênero, de idade e de hierarquias sociais, num espírito cristão que se opõe ao do *civilizado*.

Palavras-chave: Chiquitano. Educação da Criança. Curussé. Mato Grosso. Brasil.

Abstract

Guided studies anthropology of the child, the research analyzes the processes of education the body the child's Chiquitano during a ritual that identifies this indigenous people living in the border between Brazil and Bolivia. Educational processes are understood in dialogue with the history of everyday struggle and symbolic violence experienced to guarantee the right to the disputed land by farmers and politicians Mato Grosso. The Curussé as meaningful social practice in the context of conflict, expresses the meanings of education that the body marks the equality of gender, age and social hierarchies, in a Christian spirit which opposes the *civilized*.

Keywords: Chiquitano. Child Education. Curussé. Mato Grosso. Brazil.

1 Doutora em Educação, Pós-doutorado em Antropologia Social. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Corpo, Educação e Cultura – COEDUC/CNPq-FEF/UFMT – Av. Fernando Correa da Costa, 2367 – Boa Esperança – Cuiabá-MT – 78.060-900 – Tel: (65) 3615-8830-PPGEdu/UNEMAT-PPGE/UFMT. E-mail: <beleni.grando@gmail.com>.

2 Mestre em Educação. PPGEdu/UNEMAT. Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso (SEDUC-MT) Cuiabá/MT. E-mail: <leticia_antonia@hotmail.com>.

Introdução

Neste texto nos referendamos nas pesquisas desenvolvidas pelo grupo de pesquisa que vem buscando compreender como se dá a educação do corpo num espaço de fronteira étnica e cultural, a partir dos rituais marcados pela religiosidade e práticas corporais festivas, na região de Cáceres-MT.

Os dados que trazemos neste artigo sobre a educação da criança partem da pesquisa *Educação da Criança Chiquitano: o Curussé como expressão das práticas corporais educativas*, realizada entre 2011 e 2012, na Aldeia Vila Nova-Barbecho, com a comunidade Chiquitano que vive no Brasil, na fronteira com a Bolívia.

O Curussé, investigado em nosso grupo como prática corporal desde 1998, é compreendido por nós como uma prática social na qual se garante, pela educação do corpo que dança, se alimenta, se ornamenta e é pintado, reza e é açoitado e amado, o reconhecimento de uma identidade étnica e cultural Chiquitano.

O povo Chiquitano, ou *os Chiquitanos*, como são reconhecidos na região e em documentos históricos, tanto no Brasil quanto na Bolívia, é um grupo indígena resultante de agrupamentos étnicos (aldeamento) empreendidos pelos Jesuítas no período colonial. No entanto, a resistência e as formas tradicionais da vida coletiva e familiar predominaram nas formas de se organizar e viver no pantanal brasileiro.

[...] os Chiquitos constituem o agrupamento indígena mais numeroso do Pantanal. Vivem disseminados, nos Municípios de São Luiz de Cáceres e Mato-Grosso³, em cujas fazendas e usinas se empregam como vaqueiros ou lavradores. A maior parte, porém, vive na zona fronteira com a Bolívia, em rancharias de cinco a dez moradores isolados, fazendo pequena lavoura ou caçando animais silvestres para o comércio de peles... Vestem-se como os nossos sertanejos. O traje das mulheres é mais simples que o de nossas caboclas. Resume-se a uma camisola presa à cintura. (RONDON, 1936, p. 267 apud FERNANDES SILVA, 2008, p. 133).

Como população tradicional que sempre viveu nestas terras pantaneiras, usando como língua comum o Chiquitano, o mais coerente era que encontrássemos uma continuidade dos saberes e fazeres que pouco se diferenciassse nos dois lados

3 Mato-Grosso era o nome dado à primeira capital do estado, hoje Vila Bela da Santíssima Trindade, região pantaneira de fronteira com a Bolívia (Nota nossa).

da fronteira política, demarcada pelo uso da língua necessária para o diálogo com o Estado, do lado boliviano, o castelhano, e do lado brasileiro, o português.

Segundo os estudos de Silva e Moreira da Costa (2001 apud GARCIA, 2010, p. 67):

[...] os Chiquitanos constituem um sistema cultural próprio, acima de rótulos de bolivianos ou brasileiros. [...] os autores estimam que no lado brasileiro exista cerca de 2.500 habitantes, dividido em 22 comunidades. Além disso, existem cerca de 900 indivíduos considerados Chiquitano dispersos nas cidades de Vila Bela, Cáceres e Porto Esperidião.

A antropóloga que estudou atentamente a situação dos Chiquitano no Brasil, Joana Fernandes Silva (2008), nos traz dados relevantes para compreendermos melhor as situações de conflitos vividas na fronteira:

No Brasil, os Chiquitanos sobressaíram-se também como trabalhadores em fazendas de criação de gado, uma habilidade herdada dos jesuítas. Nos dias de hoje são praticamente a única reserva de mão de obra na zona rural onde vivem, ou seja, nos municípios de Pontes e Lacerda, Porto Esperidião, Vila Bela e Cáceres, em Mato Grosso. Um entrevistado, no Portal do Encantado, afirmou explicitamente, durante uma entrevista colhida em 2002, que eles, os Chiquitanos, praticamente implantaram todas as fazendas que lá existem, seja desmatando, plantando pastos, cuidando do rebanho bovino. (FERNANDES SILVA, 2008, p. 132).

Conforme Fernandes Silva (2008), há uma massificação da mídia e campanhas *políticas de negação da etnicidade*, lideradas por políticos de grande influência no estado de Mato Grosso, utilizando estes veículos dependentes dos favores do estado, sem qualquer fundamento científico sobre o Chiquitano, a fim de confundir a população local, e reforça a negação da presença indígena na região. Para a autora, a presença deste Povo na fronteira do Brasil com a Bolívia desde 1748, é documentada oficialmente, inclusive vivendo nas terras onde está a aldeia Vila Nova-Barbecho, portanto, desde a chegada dos primeiros civilizados⁴.

4 O processo de desocupação dos territórios indígenas em Mato Grosso iniciou em 1718 com a chegada dos bandeirantes paulistas a Cuiabá e o processo de escravidão dos indígenas e da exploração de ouro e outros recursos naturais. Sobre a fundação de Cuiabá, que era “Capitania de São Paulo”, ver Grando (2004, p. 81).

Ao descrever a situação atual dos Chiquitano, Fernandes Silva (2008, p. 120) afirma que estes vivem em “[...] comunidades de bugres”, comunidades “[...] em beiras de estradas (resultante de processos de expulsão de terras tradicionais antes do reconhecimento da FUNAI)”, que foram estabelecidas junto aos destacamentos militares. Esta localização não impede, pela pressão política local, que alguns busquem ficar ou voltar às terras tradicionais ocupadas pelos familiares ou ficarem sitiados nas cidades da região, onde estão bem antes da estrutura das novas cidades.

Nesta vida em fronteiras conflitivas, fronteiras étnicas e culturais (GRANDO, 2004), nos interessa reconhecer nestes espaços as capacidades históricas de os grupos sociais garantirem a educação integradora das novas gerações. Neste texto, trazemos os resultados da pesquisa realizada na Aldeia Vila Nova-Barbecho, onde os Chiquitano também enfrentam os conflitos da desapropriação e da invisibilidade de seus direitos, como ocorre com outros que vivem cotidianamente num *ambiente colonialista* até os dias atuais.

Como afirma Garcia (2010, p. 105) no Brasil, diversos outros grupos étnicos vivem nesta que é a região mais extensa de fronteira com Bolívia e Paraguai: “[...] com 3.423 quilômetros, entre os estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia e Acre”.

Roberto Cardoso de Oliveira (1976) observou que as relações interétnicas são permeadas pelo conflito, não apenas em virtude do estranhamento em face às diferenças culturais e à necessidade da demarcação das fronteiras étnicas. Esse conflito é alimentado pela divergência dos interesses dos grupos indígenas em relação à terra, uma relação totalmente diferente da dos proprietários rurais e fazendeiros. No caso específico dos Chiquitanos, há poderosos interesses por parte da elite rural mato-grossense dedicada ao plantio de soja e às empresas agro-pecuárias. (FERNANDES SILVA, 2008, p. 134).

Em Vila Nova-Barbecho, a terra é reconhecida oficialmente pela FUNAI⁵ e amparada legalmente por inúmeros documentos que confirmam o que os nativos afirmam: trata-se de território marcado pela presença ancestral do lugar. Mas, ainda assim, a disputa judicial se arrasta com o apoio dos setores públicos e políticos do Estado, em Mato Grosso. A população desta aldeia

5 Ofício N.1041/2006/SEPOD/EMO - Justiça Federal de Mato Grosso, Subseção Judiciária de Cáceres-MT de 22.08.2006. Comunicando a FUNAI que o Juiz Julier Sebastião da Silva, acata um pedido feito através de liminar onde resguarda a posse que a Comunidade Chiquitano Vila Nova Barbecho exerce sobre as terras que tradicionalmente ocupam, em área rural do Município de Porto Esperidião.

foi expulsa da aldeia de Barbecho, limítrofe à Bolívia. Atualmente é um pequeno agrupamento de pessoas, suscetível às pressões e ameaças de um fazendeiro que pretende que as terras de Barbecho sejam suas. (FERNANDES SILVA, 2008, p. 123).

Como afirmam Eremides de Oliveira e Pereira (2010, p. 190), este é um “[...] cenário político marcado por várias formas de violências e tentativas de dominação [...] sitiadas e constrangidas por diversos mecanismos de sujeição [...]”. Ao serem colocadas nesta situação de violência, as comunidades enfrentam a dificuldade em acompanhar e defender seus direitos dentro do *sistema jurídico* que é “[...] completamente estranho às regras de convivência que vigoram em suas comunidades” (EREMIDES DE OLIVEIRA; PEREIRA, 2010, p. 190).

A partir dos estudos com o Chiquitano de Porto Esperidião, Bortoletto Silva (2007) evidencia que, para além das relações de conflitos de terra, há toda uma forma muito distinta deste grupo étnico se compreender como pessoa e estar neste espaço de fronteira. A luta pela terra supera a visão da apropriação colonialista e autoritária dos civilizados, pois a ela se acrescenta a fé cristã da luta do bem e do mal.

Com isso, o Curussé, como uma prática corporal religiosa é um ritual que retoma os sentidos de quem somos e porque somos, quais são os princípios humanos que seguimos e qual a sua origem mítica e religiosa que nos mantém firmes na luta diária enfrentada com os *civilizados*⁶. Assim, o Curussé revitaliza no corpo a fé cristã.

Em nossas pesquisas evidenciamos que, para além das relações conflitivas e de negação de suas identidades, o Chiquitano se revitaliza e se transforma pelo corpo alegre e dançante que, no período do carnaval brasileiro, se reúne em seus templos e espaços ritualizados para celebrar a vida em comunidade, no Curussé.

O ritual agrega famílias e dialoga com a cultura brasileira e católica e expressa o processo histórico e cultural do qual participam há longa data na fronteira. Anualmente, como afirma Pacini (2012, p. 4), no “[...] Curussé (ou carnavalito) ou festas dos padroeiros são desfeitos os conflitos entre os opostos e se conectam as fronteiras a fim de que todos os Chiquitanos se encontrem para a grande festa onde a norma básica é pular e dançar.

6 Segundo Bortoletto Silva (2007, p. 109): “A diferença entre brancos e índios remonta a uma separação original, motivada pelo caráter agressivo do branco. Segundo um mito coletado na Bolívia (HANKE, 1949, p. 277), antigamente não havia índios selvagens, todos eram civilizados e bons, porém quando Jesus Cristo foi crucificado, uma parte da humanidade sentiu muita vergonha e se recolheu nas matas, mudou seu modo de vida e se tornou selvagem”.

Neste ritual sagrado e profano, realizado no período do carnaval, o Chiquitano transforma o Curussé em um espaço e tempo de síntese de sua sobrevivência étnica em Vila Nova-Barbecho, que se renova a cada ano, nos momentos festivos.

A criança e os preparativos do Curussé na Aldeia Vila Nova-Barbecho

No calendário cristão estamos em fevereiro de 2012, é o final do tempo do pecado para entrarmos no tempo da penitência e do perdão para vencermos a morte (ressurreição). O carnaval mobiliza a vida de todos alterando a rotina diária de inúmeras famílias brasileiras. Na aldeia, o tempo é de movimento social e educativo. É um tempo e espaço ampliados com a acolhida de familiares vindos de outros locais e de visitantes não indígenas (pesquisadores, religiosos e amigos, pois somos muitos os que estão com eles nesta luta pela vida que se celebra com amor). (Dona Elena, fev. 2012).

Iniciam-se os preparativos para a festa coletiva. O primeiro passo é a produção da chicha, bebida tradicional distribuída a todos durante o Curussé. Todos devem contribuir; inclusive as crianças menores são convocadas, pois têm um papel relevante nesta produção, coordenada pelos anciões. Como afirma Dona Elena, “[...] chicha é uma bebida que faz parte da cultura Chiquitano consumida no Curussé, sem qualquer restrição de idade” (fev. 2012). O processo de produção segue os ensinamentos dos mais velhos, como ela nos relata:

Descasca mandioca, corta em pedaços pequenos e põe para cozinhar em fogo bem forte para as mandiocas ficarem bem cozidas. Coloca no pilão e amassando com um amassador até ela virar um mingau [...] leva de dois a três dias para fermentar mais do que isso aumenta o teor alcoólico ficando impróprio para o consumo de criança. (Dona Elena, fev. 2012).

Desde o início as crianças menores assumem um papel fundamental. Como nos explica Dona Elena (fev. 2012), são elas que garantem a produção da chicha para o Chiquitano:

A gente chama as crianças da casa: filhos, netos, sobrinhos: quem tiver no momento até uns cinco anos; chama quantas crianças tiverem, uma, duas, três, etc.). Manda elas escovarem os dentinhos e dá um punhadinho de mandioca cozida para cada uma delas mastigar bem mastigadinho. Nós chamamos de fermento.

Depois da mandioca preparada e do fermento, a bebida é colocada num pote de cerâmica coberto, para deixar fermentar por dois a três dias para que seja controlado o teor alcoólico, para as crianças beberem. Este pote fica no chão, mantendo uma temperatura ideal em contato com o chão batido da casa até o Curussé. Ela é partilhada com todos os participantes, independente da idade.

Com a descrição de Dona Elena, percebemos que as crianças de até cinco anos, constituem-se numa fase de desenvolvimento específica para o Chiquitano, pois só a elas é permitido realizar a mastigação necessária para o processo de fermentação da chicha na Aldeia. Nisso, podemos compreender com Melià (1979, p. 14) que, na primeira infância, as crianças indígenas não são “[...] objeto de especificação sexual” ou mesmo linguística, pois *comumente um só termo* é utilizado para “[...] indicar o infante menino ou menina, do nascimento até a idade de andar” (MELIÀ, 1979, p. 14). Para o autor, nesta fase, “[...] a educação de hábitos motores, o estreito relacionamento com a mãe, são geralmente as principais características da educação nesse período” (MELIÀ, 1979, p.14).

A educação da criança é entendida como harmoniosa com o ciclo da vida e com seu amadurecimento, no caso da nossa pesquisa, elas são orientadas pela avó, mãe ou anciã da comunidade, responsável pelo processo de produção desta bebida ritualística. Esta, pelo ritual, atinge o corpo infantil imprimindo a ele as significações em sua totalidade corpórea. Como afirma Silva (2002, p. 41), compreende-se que “[...] a identidade e a subjetividade infantil constroem-se por meio de processos que se realizam em seus corpos e que sintetizam significações sociais, cosmológicas, psicológicas, emocionais e cognitivas”.

Pelo corpo, desde muito cedo, as crianças são corpos responsáveis pela fabricação de um dos alimentos mais representativos de seu Povo. Neste momento de saberes do fazer a chicha, assumem com os mais velhos e sábios, a manutenção da tradição e da cultura marcada no corpo. E é com eles que se apropriam da história do povo presente nos instrumentos:

Desde que meu pai era vivo ele fazia assim e nós aprendemos com ele. As madeiras... pode ser de Ipê ou Lixeira. Este pilão é de Ipê. Coloca brasa no centro da madeira e ela vai queimando; na medida que o buraco vai aumentando, vai protegendo com barro as beiradas para não ficar muito fino. O amassador é feito da mesma madeira. (Dona Izabel, fev./2012).

Enquanto descreve, visualizamos no pilão o vivido ao fabricá-lo. Neste processo, mesmo que não tenha mais acesso à mata invadida pelo fazendeiro, o Chiquitano de Vila Nova-Barbecho mantém viva a história da relação histórica

e respeitosa com o ambiente, com o cuidado e o uso dos recursos naturais necessários para a confecção do pilão. No fazer da chicha, evidenciamos um fazer tradicional que ao ser lembrado é transmitido e vivenciado no corpo que faz a bebida e prepara os corpos da festa. Ao manipular o objeto, as mãos trazem a produção no ambiente histórico e presente naquele lugar.

Ação coletiva de preparação do Corpo para o Curussé

É oficializado o início do Curussé, quando o cacique, autoridade da aldeia, começa a reunião e convida uma das professoras para fazer a ata⁷. Na abertura da reunião ele falou dos objetivos do encontro: a organização do Curussé, os horários de início e término das danças, das celebrações religiosas que acontecem na Igreja⁸, do almoço comunitário, entre outros assuntos que permeiam a organização festiva do Curussé.

O Senhor Nicolau, um dos anciões da comunidade, é conhecedor das tradições musicais do Curussé e tocador de pífano. Como autoridade da música, fundamental para a realização do Curussé, recebeu das mãos do Cacique as caixas e os bombos, para serem avaliados e colocados em condições de uso para a festa da comunidade. Após minuciosa análise, informou alguns ajustes necessários e convidou os músicos para irem até sua casa; e, juntos, fizeram os reparos necessários.

Na reunião foram combinados: a celebração do Santo Rosário, que iniciaria às 19h30min na Igreja, e o ensaio geral do Curussé, na casa do Senhor Nicolau. Terminada a reunião, alguns homens (os músicos) e adolescentes acompanharam o ancião para afinarem os instrumentos e garantirem a festa, ou seja, o Curussé.

As demais crianças, meninos e meninas, se dirigiram para suas casas. Neste momento, percebemos que há uma educação do corpo que se dá também de forma distinta, conforme o gênero. Pautadas em Melià (1979), percebemos que até os cinco anos a criança não tem diferenciação na inclusão da cultura,

7 O registro em ata passa a ser um recurso que os povos tradicionais recorrem para dar visibilidade a sua existência física, especialmente num contexto em que são permanentemente sendo invisibilizados como brasileiros e como indígenas.

8 O prédio da *Igreja* materializa a presença histórica dos religiosos espanhóis e portugueses do período colonial. Como expressão das identidades plurais que marcam nossa brasilidade, o Curussé não é evidenciado em outros contextos não Chiquitano. Ao registrarmos mais de 100 festas de santo na cidade de Cáceres, nenhuma tinha a *Igreja* como o local do ritual, pois era nas casas dos festeiros e nos quintais que o templo sagrado e profano se fazia. Sobre as festas religiosas e os processos de educação sugerimos ver Grandó (2002, 2007).

mas a partir daí, se inicia uma divisão de trabalho, evidenciada na educação do corpo. Quando acompanham os mais velhos, aprendem pela imitação dos gestos e são introduzidas no mundo dos adultos.

Os instrumentos do Curussé são tecnologias pautadas em técnicas muito específicas que são transmitidas nos reparos da afinação, mais especialmente na observação das relações estabelecidas pelos homens (os pais, avôs, tios e outros homens da aldeia), que os adolescentes acompanham no Curussé. Neste processo, ocorre o que Melià (1979, p.24) observa na educação indígena: “Os conhecimentos se transmitem por via oral, face a face, pela rotina de vida diária. Todos aprendem de todos. Aprendia-se até sem ser ensinado”.

Enquanto os homens fazem uma pausa nos instrumentos, durante os ensaios e os afinamentos, os meninos os manipulam sem serem questionados ou ensinados. O mesmo ocorre durante o ritual. Os músicos são os educadores, no entanto, são eles aprendizes uns dos outros, pois, juntos, com o acompanhamento atento e ouvidos exigentes do Senhor Nicolau, autoridade da comunidade para esta função, vão sendo afinados em seus aprendizados. Como afirma Nunes (2003, p. 78), “[...] nas sociedades indígenas, são de tradição oral, os processos de transmissão, recepção e construção de conhecimento, quer sejam pertinentes ao cotidiano, quer à ritualidade formal”.

Ao mesmo tempo em que o corpo adulto aprende, ensina os corpos dos mais jovens que os acompanham atentos aos gestos, às relações sociais entre eles, às formas de ouvir e de se colocar na relação de grupo, e frente à autoridade cultural. O ritual está em processo e nele a aprendizagem é evidenciada.

A adolescência costuma permitir uma participação mais intensa em trabalhos mais diretamente ligados às necessidades da comunidade como tal, em serviços para rituais, em ofícios pesados, como ser canoeiro ou carregador. Ao mesmo tempo o adolescente mostra a capacidade de viver por si e assumir responsabilidades da futura família. (MELIÀ, 1979, p.15).

Os meninos participam em todas as etapas do ritual junto com os homens que sabem fazer porque aprenderam com a comunidade. Podemos concluir que naquele momento estavam ensinando às gerações mais novas como se inserirem nos papéis relevantes do Curussé, o de músicos. Percebemos a educação masculina bem marcada, conservando as mesmas características do fazer junto, até que o som saísse a contento do Senhor Nicolau.

Na fabricação dos corpos a eliminação das diferenças entre o Chiquitano

Para compreender o Curussé enquanto prática corporal Chiquitano, relacionamos este ritual ocorrido na Aldeia com as pesquisas que o trazem como ritual em outros contextos, com significados diferenciados, mas mesmo assim como uma prática social na qual ocorre o fortalecimento étnico e a *fabricação do corpo* Chiquitano (GRANDO, 2004). Ou seja, como prática social que no corpo marca a identidade Chiquitano que segue por toda a vida, mesmo em diferentes contextos.

Domingo pela manhã, com a comunidade na Igreja, Dona Elena, auxiliada pela família, faz a celebração religiosa. Esta tem orações e cânticos acompanhados por todos, que, ao final, se cumprimentam desejando um feliz Curussé e vão para casa. Uma das características marcante do Chiquitano é o compromisso com a religiosidade católica, eles respeitam a hierarquia social nos espaços familiares e públicos, no entanto, no período do Curussé estas formalidades são dissolvidas.

Como afirma Pacini (2012, p. 26):

[...] o Curussé é um ritual religioso porque não há dicotomias, isso sempre regado com Chicha, associado à cruz e ao período forte do início da Quaresma do calendário cristão, por isso é vivido de forma original pelo Chiquitanos no período do Carnaval.

Após a celebração religiosa é possível perceber a alegria contagiante de todos que dão vivas ao Curussé e se confraternizam. Os corpos entram no *espírito da festa*, o desejo de alegria e confraternização compõe e orienta a prática corporal brincante com a dança, a chicha, a música. Mas é com as brincadeiras das tintas, barro e água que se evidencia o processo de eliminar as hierarquias de gênero, idade ou papel social, que no cotidiano organizam as relações sociais fundamentais da comunidade.

As crianças continuavam brincando na aldeia, as meninas formaram um grupo com os meninos menores, enquanto os adolescentes, meninos, formaram outro grupo para preparar tintas coloridas que armazenavam em garrafas pet e em frascos de desodorante, que seriam utilizados para espirar água. Não há neste trabalho dos meninos qualquer tipo de disputa, percebemos as dimensões sagradas das relações que os protegem evidenciadas nas brincadeiras de jogar tinta, lama.

Da mesma forma que não há distinção nos corpos que dançam e bebem chicha, não há nas brincadeiras de *lambuzar* o outro. Só os músicos são poupados, mas em virtude de garantirem o som necessário ao ritual. A preocupação de que a bebida não tenha o teor alcoólico para garantir que as crianças possam também bebê-la é

também evidente quando se percebe esta quebra total de diferenças no Curussé. Não pode haver distinções, mesmo as autoridades são iguais no momento da brincadeira. No Curussé todos são iguais quando dançam e bebem chicha.

O Corpo em festa

O Curussé, como “[...] ritual modifica o tempo e o espaço cotidiano, dando-lhes outras dimensões que nos gestos, palavras, músicas e dança, transforma objetos, pessoas e emoções, ao repetir a tradição cultural [...]” (SILVA; GRANDO, 2007, p. 107).

Domingo, no período da tarde, encontramos um grupo de crianças, homens e mulheres sujos de tinta e brincando entre si, também na varanda da casa do cacique. O som do pífano inicia a música acompanhada dos instrumentos de percussão. Os corpos que dançam já sabem os movimentos, vividos em anos anteriores junto com quem sabe. Após uma pequena pausa, dada pelos músicos para o descanso, o cacique chamou as crianças:

[...] venha aqui criancinhas, todos juntos, por favor! Só um momentinho, não vou demorar, quero pedir um favor para vocês! É o seguinte: a brincadeira de hoje, amanhã e depois é assim: vocês têm que dançar, onde os músicos estão tocando, [...] é pra dançar, não é para vocês sair correndo lá longe fora do terreiro, fiquem aqui perto, tudo bem? Também peço para vocês não jogar pedra em ninguém, nem no adulto, nem nas crianças, [...] aqui tem os visitantes. [...] antes de fazer brincadeiras pergunte se elas gostam de sujeira, aí depende deles, querem que passa barro neles, tudo bem, senão, se elas falar que não, já sabe ele não gosta. Tem que ser conversado primeiro! Tome cuidados por onde andarem por isso que estou pedindo para vocês crianças, pra vocês não ficarem correndo longe dos músicos para não correm risco de pisar em cima da ponta de um toco, [...] no caco de vidro... A festa acaba para quem machuca [...]. (Senhor Fernandes, Caderno de Campo, fev. 2012).

A educação preventiva reforça para as crianças quais são os lugares interditados na aldeia por oferecerem perigo a elas. Os corpos das crianças continuaram em festa, dançando, brincando, sorrindo, sendo pintados de todas as cores pelas brincadeiras. Segundo Pacini (2012, p.5), “[...] Estes agradecem, devotamente, esta chegada das bênçãos ancestrais. Joga-se barro, tinta e cinza uns nos outros para marcarem seus corpos, isso mais intensamente nas aldeias que se reconhecem indígenas”.

Para o autor as brincadeiras usadas são formas de demarcarem o pertencimento étnico e reafirmá-lo também. Nisso, reforça a educação indígena tradicional que ocorre neste processo, pois, como afirma Tassinari (2009, p. 17, grifo do autor):

Além de ensinar as habilidades necessárias para os trabalhos cotidianos, a educação indígena dedica-se especialmente à produção de corpos saudáveis. O tema da ‘fabricação dos corpos’ tem sido muito explorado nos estudos sobre povos indígenas da América do Sul [...] reconhecendo que essas populações associam o ensinamento de valores morais e éticos à produção de corpos saudáveis e bonitos, mediante a ingestão de alimentos adequados e a prática de técnicas corporais.

O grupo do Curussé seguiu dançando, brincando, sorrindo. Os corpos em total sintonia com as músicas dão-se as mãos e seguem sem pressa até chegar à próxima casa e serem recebidos por sua dona. Na medida em que as casas eram visitadas, o número de participantes aumentava. O cacique orientou o grupo para que mesmo as casas fechadas fossem visitadas. Enquanto seguiam, o ritmo da dança era o mesmo, as brincadeiras eram intensificadas e os corpos já estavam todos pintados de tinta, lama e água.

Quando a dona da casa recebe o Curussé, integrando-se à dança e ao grupo, acompanha-o em direção à casa vizinha. Mesmo quando a dona da casa não afirma no cotidiano sua origem Chiquitano⁹, esta demonstra no corpo dançante sua identidade. Autores consideram que há semelhança do Curussé com a dança dos trabalhadores dos seringais no estado, em 1898 (BORTOLETTO SILVA, 2007, p. 110).

Reafirmamos assim, que “[...] O homem ao agir, ao dançar ao se movimentar exerce sua totalidade enquanto ser possuidor de características culturais e linguísticas e com a capacidade de locomover deslocando-se de um para outro lugar e se expressar” (GRANDO, 2004, p. 109), torna visível sua identidade e sua história. Neste período ritualístico, o Chiquitano se torna visível nos corpos dançantes que pintados pela brincadeira se misturam e dançam coletivamente.

Chega o Curussé na casa de Dona Elena, ela e sua família o recebem no pátio da casa, sujos de tinta, farinha de trigo; seus corpos também já estão

9 Conforme introdução, a imposição do fazendeiro sobre a terra tradicional e a demanda necessária do trabalho nas fazendas para o sustento das famílias, faz com que alguns não possam se identificar como Chiquitano no cotidiano, mas no Curussé, os corpos dançantes expressam a identidade indígena.

pintados de todas as cores. As brincadeiras se intensificam novamente por alguns instantes e vão gradualmente se acalmando, na medida em que os músicos param para descansar e tomar chicha. Enquanto todos descansam, Dona Elena e o filho buscam a chicha para servir. Ela enche duas cuias e pede ao filho que ofereça a um casal e juntos afirmam enquanto eles recebem: *vamos dar um carinho a um casal*. Após terem dado o primeiro gole da bebida, eles dão vivas ao Curussé e compartilham com os demais o conteúdo da cuia. Assim que acabou a chicha das cuias a distribuição da bebida continuou, mas em copos grandes, de plástico.

“A água mata a sede e a Chicha leva a dançar” (PACINI, 2012, p. 28). Fica evidente nos corpos dançantes, nos três dias de festa, a força da chicha como alimento ritualístico, a cada amanhecer os corpos de todas as idades não evidenciam cansaço algum. Crianças e adultos estão no mesmo ritmo: dançam, brincam e bebem chicha.

O período do Curussé é muito rico em aprendizagem para as crianças e adolescentes Chiquitano. Observamos que os músicos são preservados das brincadeiras por conta do cuidado com a manutenção dos instrumentos musicais. Os adolescentes e os demais membros da comunidade intercalam o tempo todo entre ensinar e aprender, fazendo juntos. Quando os músicos fazem pausa para o descanso, os meninos pegam os instrumentos musicais e os manipulam, mesmo estando *sujos*. Não há qualquer advertência nestes momentos em que exploram os sons e vivenciam aprendizagens.

A educação do corpo se dá pela alimentação, pelo exercício, pela ornamentação, todavia, essa educação objetiva, além da produção do corpo, a promoção da educação moral e ética, o homem bem educado é também considerado por seu grupo social o corpo que foi educado e moldado para ficar bonito e saudável. Para Tassinari (2007, p. 17) “[...] os cuidados com a educação das crianças são os mesmos [...] a educação de pessoas íntegras e moralmente corretas depende da produção de corpos saudáveis e belos [...]”. Como afirma a autora, “A preocupação com a educação parece ser muito mais direcionada a preparar os corpos para a aprendizagem e a mostrar como se fazem certas coisas, do que falar a respeito delas”. (TASSINARI, 2007, p. 17).

Faz parte desta educação o *almoço comunitário*¹⁰ previsto em reunião, que ocorre na segunda e terça-feira do carnaval, depois das brincadeiras da manhã. Após uma pausa do almoço, o cacique fez um pequeno

10 Durante o Curussé as famílias preparam a comida em suas casas e levam para a casa do cacique a fim de compartilharem com os demais.

discurso de agradecimento, pedindo à Dona Elena que fizesse uma oração de agradecimento à vida dos presentes e pelo Curussé estar sendo bem sucedido. Com a contribuição de todas as casas, o alimento é diversificado e traz também a tradicional Patasca¹¹.

O Curussé, como uma festa brasileira, expressa a todos os sentidos da alegria carnavalesca e da integração popular, mas traz consigo elementos que reconhecem a identidade coletiva [...] uma mistura de fé, de reza, de alimento comunitário, de dança coletiva [...], de vários elementos que constituem sua religiosidade que mantém o vínculo entre o sagrado e o profano [...]. (SILVA; GRANDO, 2007, p. 104).

Terça-feira de manhã é o dia de visita das bandeiras do Curussé em todas as casas da aldeia. O Chiquitano identifica nas bandeiras suas lutas e religiosidade. Após a visita às casas, elas são levadas à Igreja, onde são reverenciadas. A celebração religiosa é conduzida por Dona Elena que ao finalizar passa a fala ao cacique que faz as recomendações aos eleitos como guardiões das bandeiras, pois deverão conduzi-las sem sujá-las durante as brincadeiras. Neste dia, as casas recebem as bandeiras referenciadas nos pequenos altares de santos de devoção da família, ornamentados com flores.

As crianças, neste momento, têm seus cabelos enfeitados com pequenas coroas de flores, os adultos, chapéus com flores, e os guardiões das bandeiras se vestem formalmente. As brincadeiras dão lugar aos corpos vestidos solenemente para conduzir as bandeiras de casa em casa: “Para nós as bandeiras representam as lutas duras, mas que serão vencidas” (Dona Elena, fev. 2012).

O corpo novamente evidencia o ritual, nessa etapa do Curussé, em que o sagrado é retomado, os corpos enfeitados por flores como os altares, são marcados pela vestimenta solene para o culto espiritual das bandeiras de lutas do seu povo. Nesta ação o corpo dos mais jovens é educado pelas gerações mais novas, e vão dando novos sentidos às lutas e aos ensinamentos do cotidiano. Nas visitas as bandeiras são beijadas com a reverência do

11 Na culinária tradicional Chiquitano, este alimento é feito com cabeça, geralmente de vaca, que assada é servida com milho cozido. A própria comida no ritual é uma expressão da identidade, ao mesmo tempo em que marca esta nos corpos desde criança, o alimento tradicional do indígena da fronteira. Embora não aprofundado neste texto, este deve ser analisado em sua dimensão religiosa Chiquitano. Segundo Bortoletto Silva (2007), há uma necessidade de eliminar e diferenciar sua religiosidade do branco e de sua maldade vergonhosa, pelos alimentos e instrumentos ritualísticos e tradicionais.

ajoelhar-se em sinal de respeito, esta reverência à simbologia das cores¹² que representam a vida coletiva e suas lutas, renovam, no Curussé, a esperança que também é evidenciada pela presença dos mais jovens e as crianças durante todo o ritual.

O corpo ritualizado

Terça-feira, no final da tarde, um grupo de Chiquitano chega à Igreja, eram somente adultos que dançavam acompanhando os guardiões das bandeiras, para depositá-las no altar. Dona Elena estendeu uma colcha no chão e todos ficaram em silêncio por alguns instantes. Ao som do pífano, o silêncio foi quebrado e as batidas das caixas se juntaram à música do Curussé. Um adulto, trabalhador de fazenda, que não se reconhece como indígena, é o primeiro a chegar até sua mãe, para ir com ela dançando até o altar. Lá, fazem uma oração, ele se deita e a mãe, pegando uma corda ali colocada, faz com ela uma cruz em suas costas e, em seguida, dá-lhe três *lambadas*. É o *açoitamento*! O corpo é renovado pelo *castigo*, em seguida, abraça a mãe e juntos voltam dançando aos seus lugares. Aos poucos, outras duplas vão sendo conduzidas para o mesmo ritual.

Alguns anciões e lideranças são convidados pelos filhos e netos e por outros membros da comunidade para *tirar os pecados* no ritual. Como vimos, neste ritual, por mais que as hierarquias deste momento sagrado impõem, também há uma igualdade na relação com a educação e fabricação do corpo no ritual. Os mais velhos são também exemplo no corpo que, ritualmente, se iguala às crianças e adultos que deixaram a desejar em suas ações imaturas com a comunidade e com os familiares.

Este é um momento de muita emoção, há uma ligação forte entre os que dele participam como um ritual de reconciliação e renovação de relações pelo Curussé. Com isso, se fecha mais uma etapa de *fabricação do corpo* Chiquitano. A educação da criança é evidenciada em todo o tempo e espaço do Curussé na Aldeia Vila Nova-Barbecho. Com ele, a educação do corpo promove um fortalecimento étnico e cultural que marca de forma integral a criança, o adolescente, o menino e a menina, o jovem e o adulto, e também o ancião.

12 Sobre as cores das bandeiras e dos sentidos delas, a literatura traz diversos sentidos, pois conforme os entrevistados: moradores da cidade, de aldeias atreladas aos militares, ou outras situações, estas expressam tanto a fé cristã quanto as lutas específicas do grupo. Ver Bortoletto Silva (2007).

Nas palavras de Fernandes Silva (2002, p. 93)¹³, “Os abraços se sucedem a cada açoitamento, que foi precedido pelo sinal da cruz e de uma pequena oração. Depois de tudo terminado, novamente rezam e está terminado o carnaval”.

Com isso, podemos concluir, nesta pesquisa, que participar do ritual, como ocorre com outros povos, é uma forma de marcar no corpo sua passagem pela vida coletiva. Pois, no corpo as lutas e a história Chiquitano são marcadas e nele reconhecidas, no momento do ritual, que ao ser vivenciado, leva para o cotidiano a força de um Povo Indígena que tem na terra a vida e a reprodução dela; no entanto, muitas gerações já passaram e ainda muitas outras haverão de lá se enraizar para terem o reconhecimento de suas *formas de ser* e serem respeitadas, e assim nos ensinar a sermos melhores humanos. É a educação do corpo na perspectiva da educação indígena tradicional, cujos sentidos e significados extrapolam o momento e vão viabilizando a integração ao seu grupo de gênero, de idade, de função social coletiva. Como afirmam as pesquisas sobre a educação da criança e a educação indígena, e, parafraseando Melià (1979), os educadores Chiquitano *têm rosto e voz*, em sua educação “[...] têm dias e momentos; têm materiais e instrumentos; têm toda uma série de recursos bem definidos para educar a quem vai ser um indivíduo de uma comunidade com sua personalidade própria e não um elemento na multidão”. (MELIÀ, 1979, p. 10).

Referências

BORTOLETTO SILVA, R. **Os Chiquitano de Mato Grosso**: estudo das classificações sociais em um grupo indígena da fronteira Brasil-Bolívia. Tese (Doutorado em Antropologia Social)– Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, FFLCH/USP São Paulo, 2007.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge; PEREIRA, L. M. Reconhecimento de territórios indígenas e quilombolas em Mato Grosso do Sul: desafios para a antropologia e a arqueologia em ambientes colonialistas. In: EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge; AGUIAR, Rodrigo Luiz Simas; PEREIRA, Levi Marques. (Org.). **Arqueologia, etnologia e etno-história em Iberoamérica**: fronteiras, cosmologia e antropologia em aplicação. Dourados, Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, 2010.

13 Esta citação de Bortoletto Silva (2007, p.109), refere-se ao documento de Joana Aparecida Fernandes Silva antropóloga que fez o laudo a pedido da FUNAI em 2003: Relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Terra Indígena Portal do Encantado (Povo Indígena: Chiquitano). Brasília: Fundação Nacional do Índio, 2004. 141 p.

FERNANDES SILVA, J. A. Identidades e conflito na fronteira: Poderes locais e os chiquitanos. **Revista Memoria Americana**– Cuadernos de Etnohistoria, v. 16, n. 2, Buenos Aires, Año 2008, p. 119-148. Disponível em: <<http://www.scielo.org.ar/pdf/memoam/n16-2/n16-2a01.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2013.

_____. Território e fronteiras Brasil - Bolívia no país dos Chiquitanos. **Revista do Museu Antropológico**, Goiânia, v. 5/6, n. 1, p. 179-212, 2001/2002.

GARCIA, Thiago Almeida. A. **No chão da escola é diferente? A Educação Escolar Indígena em duas comunidades Chiquitano na fronteira Brasil/Bolívia**. 2010. 191 f. Dissertação (Mestrado Ciências Sociais)– Universidade de Brasília. UNB, Brasília, DF, 2010.

GRANDO, B. S. (Org.). **Corpo, Educação e Cultura: tradições e saberes da cultura matogrossense**. Cáceres: Ed. UNEMAT, 2007.

_____. **Corpo e educação: as relações interculturais nas práticas corporais Bororo em Meruri**. Tese (Doutorado em Educação)– Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2004.

_____. **Cultura e Dança em Mato Grosso: Catira, Curussé, Folia de Reis, Siriri, Cururu, São Gonçalo, Rasqueado e Dança Cabocla na Região de Cáceres**. Cuiabá: Central de Texto, 2002.

MELIÀ, B. **Educação indígena e alfabetização**. São Paulo: Edições Loyola, 1979.

NUNES, A. **Brincando de Ser Criança: contribuições da etnologia indígena brasileira à antropologia da infância**. Tese (Doutorado em Antropologia)- Departamento de Antropologia. Instituto Universitário de Lisboa. ISCTE-IUL Lisboa, Portugal, 2003.

PACINI, A. **Identidade étnica e território Chiquitano na fronteira (Brasil-Bolívia)**. Tese (Doutorado em Antropologia Social)- Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS, Porto Alegre, 2012.

SILVA, A. C.; GRANDO, B. S. O Curussé: a religiosidade do carnavalito Chiquitano em Mato Grosso. In: GRANDO, B. S. (Org.). **Corpo, educação e cultura: tradições e saberes da cultura matogrossense**. Cáceres: EdUNEMAT, 2007. p. 103-116.

SILVA, T. T. da. **Documentos de Identidade:** uma introdução às teorias do currículo. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

TASSINARI, A. M. I. Concepções indígenas de infância no Brasil. **Revista Tellus**, Campo Grande, ano 7, v. 13, p. 11-25, out. 2007.

TASSINARI, A. M. I. Múltiplas infâncias: o que a criança indígena pode ensinar para quem já foi à escola – ou A Sociedade contra a Escola. ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 33., 2009, Caxambú, **Anais...** Caxambú, 2009. (p. 1-23).

Recebimento em: 20/12/2012

Aceite em: 05/02/2013